

O argumento teleológico: divergências entre os pensamentos de Tomás de Aquino e William Paley

The teleological argument: divergences between the thoughts of
Thomas Aquinas and William Paley

Felipe Soares Forti

Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista CNPq. E-mail: felipe.forti@live.com. Orcid: 0000-0002-4001-391X.

Paulo Vitor Pinho de Siqueira

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: paulovitorpvv@gmail.com. Orcid: 0000-0001-5564-6966.

Resumo

O presente artigo busca examinar duas formulações clássicas do argumento teleológico para a existência de Deus: a Quinta Via de Tomás de Aquino (1224-1274) e o argumento do *design* elaborado por William Paley (1743-1805). Apesar de ambos serem identificados como variantes do mesmo tipo de argumento, partem de pressupostos distintos e recorrem a observações diversas, o que gera diferenças significativas em sua aplicação e em sua interpretação filosófica. A proposta do texto não é defender nenhuma das versões, mas expô-las de maneira clara e comparativa, ressaltando suas características próprias, seus fundamentos conceituais e a importância de distingui-las dentro da filosofia da religião.

Palavras-chave: Argumento do Design. Argumento Teleológico. William Paley. Tomás de Aquino. Filosofia da Religião.

Abstract

This article aims to examine two classical formulations of the teleological argument for the existence of God: Thomas Aquinas's (1224–1274) Fifth Way and William Paley's (1743–1805) argument from design. Although both are generally classified under the same category, they are grounded in different assumptions and rely on distinct observations, which leads to relevant divergences in their scope, method, and implications. The purpose of the paper is not to argue in favor of either version, but to present and compare them in a clear and systematic way, emphasizing their particular characteristics, conceptual foundations, and the importance of distinguishing them within the philosophy of religion.

Keywords: Argument from Design. Teleological Argument. William Paley. Thomas Aquinas. Philosophy of Religion.

Artigo recebido em 29.04.2025 e aceito em 13.10.2025.

1. Introdução

Quando as palavras “*design*” e “religião” estão juntas, muitos pensam em movimentos que pretendem transmitir uma face científica religiosa como, por exemplo, o do *design* inteligente ou o do criacionismo científico¹. Contudo, a ideia de que há um projeto divino por trás do mundo não é tão recente quanto parece. Nos diálogos escritos por Platão, a ideia de um mundo criado já existia. No livro das *Leis*, o Ateniense busca refutar a afirmação de Clíncias de que as coisas podem surgir por acaso.² Segundo Platão, há uma Alma do Mundo que governa os movimentos celestiais. De acordo com o Ateniense, se o movimento do céu é “semelhante ao movimento, à revolução e aos cálculos da razão, [...] claramente teremos que afirmar que a melhor alma governa a totalidade do cosmos”³. Para Platão, não só todos deverão considerar a Alma do Mundo como um deus⁴, mas também ela mesma foi colocada no mundo pelo Demiurgo. Ele diz: “a partir do que é visível por natureza, de forma alguma faria um todo privado de intelecto que fosse mais belo do que um todo com intelecto, e que seria impossível que o intelecto se gerasse em algum lugar fora da alma”⁵. Dito de outro modo, o Demiurgo estabeleceu “o intelecto na alma e a alma no corpo” e, portanto, o mundo é “um ser dotado de alma e de intelecto”⁶.

Nota-se que a observação da regularidade do movimento dos astros faz com que Platão chegasse à conclusão de que há um Intelecto por trás desse movimento. De acordo com Alister McGrath, similar ideia pode ser vista nos escritos de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), o qual dizia que a complexidade do ser humano, dos animais e da natureza aponta para a existência de um *designer*.⁷ Alan H. Batten aponta que Cícero “comparou o Universo primeiro a uma casa que havia sido projetada e depois a um organismo que, segundo ele, deveria ser divino”⁸.

¹ Aqui existe uma distinção entre *design* inteligente e criacionismo por conta do princípio fluído que existe na filosofia por trás da hipótese do *design* inteligente e ao que o criacionismo está associado em geral: o primeiro diz respeito a uma hipótese que não diz nada sobre a idade do mundo, enquanto o segundo pode estar mais associado à crença religiosa (que também busca uma máscara científica) de que o universo foi criado há 6.000 anos. Apesar de poder ser argumentado que *design* inteligente é um tipo de criacionismo, a distinção se faz importante por conta dessa crença adicional do chamado criacionismo científico.

² *Leis*, X, 884-913d

³ “like to the motion and revolution and reckonings of reason, [...] then clearly we must assert that the best soul regulates the whole cosmos”. *Leis*, X, 897c. Tradução nossa.

⁴ *Leis*, X, 899b

⁵ *Timaeus* 30b-c.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Alister McGrath, *Emil Brunner: a reappraisal*, 2014, p. 94-95.

⁸ “He likened the Universe first to a house that had been designed, and then to an organism which, he maintained, must itself be divine.” Alan H. Batten, “On the history of the argument from design in astronomy”, 2017, p. 119. Tradução nossa.

No Medievo e na modernidade, duas versões famosas distintas de argumentos teleológicos foram defendidas: as versões de Tomás de Aquino e de William Paley. Tomás defendeu uma versão do argumento teleológico em sua Quinta Via para provar a existência de Deus, enquanto Paley apresentou sua versão em sua *Teologia Natural*. Embora ambas sejam versões do argumento teleológico, elas não são baseadas no mesmo princípio ou no mesmo tipo de raciocínio. Apresentar as diferenças entre ambas é crucial para um entendimento completo, especialmente quando se trata de criticar esses argumentos.

Considere-se, por exemplo, a crítica que Richard Dawkins faz à Quinta Via de Tomás. No capítulo em que se dedica a criticar as Cinco Vias de Tomás, Dawkins fala da Quinta Via como algo que fez Darwin ficar “impressionado” quando a “leu na *Teologia natural* de William Paley”⁹. Ele diz:

[p]rovavelmente jamais houve uma derrubada tão devastadora de uma crença popular através de um raciocínio inteligente quanto a destruição do argumento do design perpetrada por Charles Darwin. Foi totalmente inesperado. Graças a Darwin, já não é verdade dizer que as coisas só podem parecer projetadas se tiverem sido projetadas.¹⁰

Ora, Dawkins claramente está tratando a Quinta Via e o argumento de Paley como se fossem o mesmo. Mas não foi só na literatura de acadêmicos que o erro persistiu. Efeitos do desconhecimento da argumentação tomasiana pode ser visto em divulgadores populares¹¹. Embora seja questionável se a teoria darwiniana realmente refutou as ideias de Paley, o mesmo não pode ser dito de igual modo em relação ao argumento de Tomás. A Quinta Via não se baseia princípios semelhantes aos de Paley e, portanto, a teoria de Darwin não pode ser considerada uma refutação de sucesso *pelos mesmos motivos* que supostamente o é quando tida como uma objeção ao argumento de Paley.

Entretanto, se esse é o caso, qual é a diferença entre ambas as versões do argumento? Por que elas são consideradas versões do mesmo argumento se são distintas? A melhor maneira de responder a essas perguntas é através da exposição e explicação de ambos os argumentos. Na exposição, ver-se-á que a Quinta Via do Aquinate e o argumento do *design* de Paley são baseados em observações diferentes, tanto em questões físicas quanto metafísicas, além de chegarem a conclusões distintas. Para alcançar esse objetivo, o artigo propõe um

⁹ Richard Dawkins, *Deus, um delírio*, 2007, p. 115.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ O influenciador digital Edson Toshio, por exemplo, comete o mesmo equívoco ao tratar a Quinta Via como se fosse um argumento do *Design* Inteligente (cf. Edson Toshio, “Destruí as 5 Vias de Tomás de Aquino Com Pura Lógica | Irrefutável”, vídeo *online*, 29 mar. 2025).

estudo expositivo-comparativo que se limita a apresentar os argumentos e ressaltar suas diferenças e propósitos. Por conseguinte, não considerará objeções de filósofos posteriores.

2. O argumento teleológico

No texto a seguir, serão apresentadas as duas versões do argumento teleológico citadas acima: a primeira, de Tomás de Aquino, que se baseia na finalidade e causação final; e a segunda, de William Paley, que é baseada na complexidade e aparência de *design* do mundo.

2.1 A Quinta Via de Tomás de Aquino

Tomás de Aquino (1224-1274) foi discípulo de Alberto Magno e importante comentarista das obras de Aristóteles no Medievo.¹² Em suas *quinque viis*, Tomás expõe cinco provas (ou vias) para demonstrar a existência de Deus.¹³ Enquanto as três primeiras vias são versões do argumento cosmológico, a Quinta Via é uma versão de argumento teleológico.

O argumento teleológico do Aquinate aparece tanto na *Suma Teológica* quanto na *Suma Contra os Gentios*. Na *Suma Teológica*, Tomás o apresenta da seguinte maneira:

[a] quinta via é tomada do governo das coisas. Com efeito, vemos que algumas coisas que carecem de conhecimento, como os corpos físicos, agem em vista de um fim, o que se manifesta pelo fato de que, sempre ou na maioria das vezes, agem da mesma maneira, a fim de alcançarem o que é ótimo. Fica claro que não é por acaso, mas em virtude de uma intenção, que alcançam o fim. Ora, aquilo que não tem conhecimento não tende a um fim, a não ser dirigido por algo que conhece e que é inteligente, como a flecha pelo arqueiro. Logo, existe algo inteligente pelo qual todas as coisas naturais são ordenadas ao fim, e a isso nós chamamos Deus¹⁴.

Para se entender esse argumento, é importante, primeiramente, distinguir as quatro causas listadas por Aristóteles: (1) a causa eficiente; (2) a causa material; (3) a causa formal; e (4) a causa final.¹⁵ A causa (1) refere-se àquilo que é responsável por iniciar um processo de devir, o princípio do

¹² Anthony Kenny, *Uma nova história da filosofia: filosofia medieval*, 2012, p. 86-88.

¹³ Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, 2009, p. 166-169, *S. th.* I, q. 2, a. 3.

¹⁴ *Ibidem.* *S. th.* I, q. 2, a. 3

¹⁵ *Metafísica A*, 3, 983a 25-b 5. Para uma análise mais detalhada, cf. Paulo Vitor Pinho Siqueira, “Noção de Causalidade no Pensamento de Aristóteles”, 2022, p. 21-32.

movimento de algo (por exemplo, Michelangelo, o artista em relação à sua famosa estátua). Já (2) refere-se ao material que persiste durante esse processo de devir (por exemplo, o mármore que compõe a estátua Davi, de Michelangelo). A causa (3) diz respeito à essência que faz com que algo seja o tipo de coisa que é, o que era chamado de *forma* dos entes. Por fim, a causa (4) é o propósito do objeto gerado¹⁶, a meta a que ele visa chegar com o movimento causado pela causa eficiente, o “aquilo em vista de quê”. Uma casa serve de causa final para um construtor em seu processo de construção, e o construtor é sua causa eficiente. Como Edward Feser explica:

[c]onsideremos aqueles casos em que o direcionamento para um objetivo está associado à consciência, tal como acontece em nós. Um construtor constrói uma casa, e ele é capaz de fazê-lo porque o efeito, a casa, existe como uma ideia em seu intelecto antes de existir na realidade. Essa é a maneira pela qual a casa serve como a causa *final* das ações do construtor, mesmo que essas ações sejam a causa *eficiente* da casa. Na verdade, essa é a única maneira pela qual a casa pode fazer isso¹⁷.

Quanto à causa final, Etienne Gilson explica que ela é “a razão pela qual a causa eficiente se move, ou seja, ela vê em si a causa das causas”¹⁸. O próprio Tomás diz que a causa final “é a causa da causalidade em todas as causas”¹⁹. Ele continua: “ainda que o fim seja último no ser, em certas coisas, na causalidade, porém, sempre é anterior”²⁰. Dito de outro modo, “é a causa da causalidade eficiente, como já foi dito. Contudo, a causa eficiente é a causa da causalidade da matéria e da forma”²¹. É a ideia de que a causa final possui prioridade explanatória em relação às demais, embora ela seja cronologicamente posterior. A causa eficiente e a causa material exercem o papel que exercem por serem direcionadas pela causa final. Paulo Vitor Pinho de Siqueira afirma:

[e]m uma análise resumida, a causa final subordina todas as demais. É a causa final que faz a figura ser aquela que é – tomando causa formal aqui como figura – e a causa formal que faz a matéria ser qual seja, mesmo que possa haver certa variação na figura e matéria. Todavia, o ponto é que, mesmo havendo certa variação, não há um leque ilimitado de opções quanto à figura e à matéria, e, em análise última, a causa final é a

¹⁶ É importante, entretanto, distinguir fim no sentido de mero término de um processo de devir em relação a fim no sentido de propósito ou objetivo. Cf. Paulo Vitor Pinho de Siqueira, “Op. Cit.”, 2022, p. 29-30.

¹⁷ “Consider those cases where goal-directedness is associated with consciousness, as it is in us. A builder builds a house, and he is able to do so because the effect, the house, exists as an idea in his intellect before it exists in reality. That is the way in which the house serves as the final cause of the actions of the builder even as those actions are the efficient cause of the house. Indeed, that is the only way the house can do so”. Edward Feser, *Aquinas: a beginner’s guide*, 2011, locais 1835-1838. Tradução nossa.

¹⁸ “the reason for which the efficient cause moves, that is, it sees in it the cause of the cause”. Etienne Gilson, *The christian philosophy of St. Thomas Aquinas*, 1957, p. 75. Tradução nossa.

¹⁹ Tomás De Aquino, *Comentário à metafísica de Aristóteles V-VIII*, 2017, p. 46. Livro V, Lição 3.6.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Ibidem*.

responsável por tal limitação nas opções. Portanto, como nos diz Tomás de Aquino, a causa final é a causa das causas (*causa causarum*)²².

Gilson, ao falar da Quinta Via, explica que ela “argumenta a favor de um artesão ou demiurgo supremo, similar ao conceito de Autor da Natureza dos franceses do século XVIII”²³. Nas primeiras três Vias, Tomás discute a partir do princípio de causalidade para mostrar Deus como causa eficiente primeira do mundo, enquanto, na Quinta Via, Deus é inferido como a causa final.

Na Quinta Via, Tomás baseia-se na ordem das coisas e em como os corpos naturais operam segundo um fim. É curioso, para Tomás, que essas coisas operem sem possuir conhecimento. Por exemplo, uma semente de melancia gerará, se não houver impedimento no processo e em circunstâncias adequadas, melancia; a Terra dará a mesma volta em torno do Sol etc. Não havendo impedimento, isso é, interferência causal, esse tipo de processo ocorre de modo ordenado e regular, mesmo que esses objetos não possuam inteligência em si. Gilson diz: “[a] regularidade com a qual alcançam seu fim mostra bem que não chegam até ele por acaso, e essa regularidade só pode ser intencional ou desejada”²⁴. Ora, como Tomás diz em seu argumento, “aquilo que não tem conhecimento não tende a um fim, a não ser dirigido por algo que conhece e que é inteligente, como a flecha pelo arqueiro”²⁵. Brian Davies afirma: “[e] como pode ser que na natureza haja coisas que, enquanto não inteligentes em si mesmas, operam de um modo regular e orientado para um objetivo?”, e depois completa: “a atividade de coisas não-rationais direcionadas a um fim sugere que elas são governadas pelo que é racional”.²⁶

John Owens explica que, embora didático, o exemplo da flecha usado por Tomás pode ser enganoso. O governo de Deus sobre o mundo não é um governo impositivo, da mesma forma como seria usar um burro para levar a carga. Ao invés disso, o governo de Deus ocorre de modo que respeita a própria natureza das coisas.²⁷ A ideia é que o governo teleológico de Deus ocorre justamente em estabelecer fins ontológicos para as coisas de modo que esses fins estejam de acordo com as naturezas das coisas em que se dão.²⁸ O exemplo da flecha pode

²² Paulo Vitor Pinho de Siqueira, *Op. Cit.*, 2022, p. 35.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Etienne Gilson, *A filosofia na Idade Média*, 2007, p. 660.

²⁵ Tomás de Aquino, *Op. Cit.*, 2009, p. 169, *S. th.* I, q. 2, a. 3.

²⁶ “how does it come about that in nature there are things which, while not themselves intelligent, operate in a regular or goal-directed way? (...) the goal-directed activity of non-rational things suggests that they are governed by what is rational”. Brian Davies, *The Thought of Thomas Aquinas*, 1993, p. 30. Tradução nossa.

²⁷ John Owens, “Aquinas’ Fifth Way”, 2020, p. 731.

²⁸ Estritamente, muitos desses fins não apenas estão de acordo com a natureza dos entes naturais, mas são eles que fazem os entes naturais serem o que são. Por exemplo, o que faz uma

ser enganoso porque a flecha recebe uma sua direção de modo impositivo e não de acordo com sua própria natureza.²⁹ Owens explica:

[o] argumento, portanto, não é sobre as raízes de uma árvore em particular sendo movidas artificialmente por um agente divino, como se Deus tivesse que intervir e empurrá-las na direção certa. Em vez disso, o impulso da própria árvore para se alimentar, se manter e empurrar suas raízes para fora reflete a governança divina. Aristóteles e Tomás sustentam que há algo surpreendente aqui, como se a madeira se movesse por conta própria para formar um navio. Se algo assim acontece, Tomás pensa que deve haver uma mente governante no fundo³⁰.

Ademais, essa meta deve estar presente na mente de alguém antes do resultado.³¹ Ora, existem coisas no mundo que, por natureza, são direcionadas a um objetivo – uma meta específica – ainda que não possuam mente.³² Mas, como pode haver metas, que parecem requerer intencionalidade de modo prévio na mente das pessoas, sem que haja uma mente por trás delas nos objetos? Ora, se não há mente humana, mas a direção implica que haja ao menos uma mente, então deve haver uma mente por trás desse direcionamento, governando-o. Owens diz: “[s]e as coisas buscam chegar a um fim, então esse fim deve existir em uma mente, dado que sua existência prévia é uma condição para a atividade direcionada a um fim”³³. Por conseguinte, diz Feser,

[...] é impossível que qualquer coisa seja direcionada para um fim a menos que esse fim exista em um intelecto que direcione a coisa em questão para ele. Segue-se que o sistema de fins, ou causas finais, que compõe o universo físico só pode existir se houver uma Inteligência Suprema, ou intelecto, fora do universo que direcione as coisas para seus fins.[...]

Os fins estão, em certo sentido, apenas “lá” em causas inconscientes, assim como o significado está apenas “lá” em palavras uma vez que elas foram escritas. Ao mesmo tempo, se a Inteligência Suprema parasse de direcionar as coisas para seus fins, as causas finais desapareceriam imediatamente, assim como o significado das palavras desapareceria se todos os usuários da linguagem desaparecessem³⁴.

faca ser o que é é que ela desempenha a finalidade de cortar coisas de um certo modo. O que faz um copo ser o que é é que ele é capaz de reter líquidos de um certo modo. Se se perdem essas capacidades teleológicas, esses entes deixam de ser o que eram. Essa é a razão pela qual há uma íntima associação entre finalidade e essência e, portanto, causa final e formal.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*.

³² *Ibidem*, p. 732.

³³ *Ibidem*.

³⁴ “it is impossible for anything to be directed towards an end unless that end exists in an intellect which directs the thing in question towards it. It follows that the system of ends or final causes that make up the physical universe can only exist at all if there is a Supreme Intelligence or intellect outside the universe which directs things towards their ends. [...]

The ends are in a sense just ‘there’ in unconscious causes like the meaning is just ‘there’ in words once they have been written. At the same time, if the Supreme Intelligence were to cease directing things towards their ends, final causes would immediately disappear, just as the meaning of words would disappear if all language users disappeared”. (Edward Feser, *Aquinas: a beginner’s guide*, 2011, locais 1841, 1882. Tradução nossa).

Gilson conclui: “[j]á que [os objetos inanimados] são desprovidos de conhecimento, é preciso que alguém conheça por eles, e é essa inteligência primeira, ordenadora da finalidade das coisas, que chamamos de Deus”³⁵.

A Quinta Via de Tomás de Aquino, portanto, baseia-se no conceito de causa final, no sentido de que as coisas inanimadas naturais seguem um objetivo – uma meta – e agem para chegar a esse fim. Contudo, de acordo com o Aquinate, uma meta específica só pode ser um alvo se uma mente direcionar essas coisas para esse objetivo. Portanto, deve haver uma Mente que guia essas coisas inanimadas para esse fim. De modo resumido e correndo o risco de imprecisão, dada a exposição resumida e visto que é sempre difícil formalizar esses argumentos que não são dados de modo formalizado, formulamos o argumento da seguinte maneira:

1. Tudo o que age em direção a um fim sem ter inteligência (uma mente) precisa ser dirigido por algo inteligente;
2. No universo, coisas sem inteligência (como astros, plantas e elementos naturais) seguem em direção a um fim;
3. Portanto, deve existir um ser inteligente que ordena todas as coisas para seus fins — e esse ser é Deus.

Há, assim, algo importante no argumento teleológico de Tomás: ele não está observando a complexidade das coisas e inferindo que elas precisam de um *designer*, mas observando um princípio metafísico de finalidade nas coisas e argumentando que elas precisam de um “direcionador”. Feser diz que “ao contrário de Paley [...] ele [Tomás de Aquino] não tem, para os propósitos da Quinta Via, o menor interesse na *complexidade* em si”³⁶. Nesse sentido, o argumento de Tomás segue à risca o sentido da palavra *telos* (“finalidade”) do grego.

2.2 O argumento do *design* de William Paley

William Paley (1743-1805) foi um importante filósofo britânico e apologista cristão que escreveu proficuamente livros dos mais variados assuntos, desde ética, autoria paulina de certas cartas do Novo Testamento até

³⁵ Etienne Gilson, *A filosofia na Idade Média*, 2007, p. 660.

³⁶ Edward Feser, *A Última Superstição: uma refutação do neoateísmo*, 2017, local 2446.

apologética cristã estrita, no sentido da teologia natural.³⁷ Sua obra mais famosa e importante é *Natural Theology* [Teologia Natural], na qual ele expõe sua versão de argumento do *design*. Seu argumento foi importante até mesmo para o jovem Charles Darwin, que escreveu: “[a] lógica nesse livro, e, se posso adicionar, de sua *Teologia Natural*, me deu tanta alegria quanto Euclides [...]”. Naquela época, eu não tive problemas com as premissas de Paley e, confiando nelas, eu fui convencido por sua longa linha de argumentação”³⁸. McGrath observa que há uma continuidade dentro dos pensamentos de Darwin e Paley.³⁹ Ora, qual é, assim, o argumento de Paley? Ele o apresenta logo no início de sua *Teologia Natural* do seguinte modo:

[e]nquanto atravesso um bosque, suponha que meu pé bata em uma *pedra* e que eu fosse questionado sobre como essa pedra foi parar ali. Eu poderia responder que, sem nenhuma razão para se crer o contrário, ela sempre esteve ali, e não seria fácil mostrar essa resposta como absurda. Mas, suponha que eu tivesse encontrado um *relógio* no chão e me fosse perguntado como o relógio foi parar naquele lugar. Eu dificilmente pensaria na resposta dada antes [...]. Contudo, por que essa resposta não serviria para o relógio, mas sim para a pedra? O motivo é o seguinte, e por nenhum outro, que, quando nós vamos inspecionar o relógio, nós percebemos (o que não poderíamos fazer com a pedra) que suas várias partes foram colocadas juntas por um propósito, por exemplo, que elas foram formadas e ajustadas para produzir movimento, e que esse movimento é regulado para mostrar a hora do dia; ou que, se suas várias partes tivessem sido formadas de forma diferente, de tamanho diferente, ou colocadas de qualquer outra forma, ou em qualquer outra ordem da qual foram colocadas, não haveria qualquer movimento que faria a máquina funcionar ou nada que fosse responder ao uso que pertence a ele. [...] Esse mecanismo sendo observado [...] a inferência, pensamos, é inevitável; de que o relógio deve ter um criador; de que deve ter existido, em algum tempo em algum lugar ou em outro, um artífice ou artífices que o formaram para o propósito pelo qual nós pensamos que ele responda; que compreenderam sua construção e projetaram seu uso⁴⁰.

³⁷ Logan Paul Gage, “Paley, William”, 2018, p. 1453.

³⁸ “The logic of this book and as I may add of his *Natural Theology* gave me as much delight as did Euclid. [...] I did not at that time trouble myself about Paley’s premises; and taking these on trust I was charmed and convinced by the long line of argumentation”. Charles Darwin, “The autobiography of Charles Darwin”, 2005, p. 59. Tradução nossa.

³⁹ Alister McGrath, *Darwin e Deus: teologia natural e pensamento evolutivo*, 2016, p. 164.

⁴⁰ “In crossing a heath, suppose I pitched my foot against a stone, and were asked how the stone came to be there, I might possibly answer, that, for any thing I knew to the contrary, it had lain there for ever: nor would it perhaps be very easy to shew the absurdity of this answer. But suppose I had found a watch upon the ground, and it should be enquired how the watch happened to be in that place, I should hardly think of the answer which I had before given [...]. Yet why should not this answer serve for the watch, as well as for the stone? Why is it not as admissible in the second case, as in the first? For this reason, and for no other, viz. that, when we come to inspect the watch, we perceive (what we could not discover in the stone) that its several parts are framed and put together for a purpose, e.g. that they are so formed and adjusted as to produce motion, and that motion so regulated as to point out the hour of the day; that, if the several parts had been differently shaped from what they are, of a different size from what they are, or placed after any other manner, or in any other order, than that in which they are placed, either no motion at all would have been carried on in the machine, or none which would have answered the use, that is now served by it. [...] This mechanism being observed [...]. the inference, we think, is inevitable; that the watch must have had a maker; that there must have existed, at some time and at some place or other, an artificer or artificers who formed it for the purpose which we find it actually to answer; who comprehended its construction, and designed its use”. William Paley, *Natural Theology: or, evidences of the existence and attributes of the Deity, collected from the appearances of nature*, 2006, p. 7-8. Tradução nossa.

Logan Paul Gage explica que “ao contrário da pedra, o relógio contém várias partes ordenadas para um fim ou uma função”⁴¹. A expressão “ordenadas para um fim” pode lembrar a Quinta Via de Tomás, mas o que está sendo dito aqui é diferente. O “fim” ao qual Paley e Gage se referem é o propósito para o qual cada peça do relógio *age* dentro de seu sistema ordenado. Tal como um relógio, os entes no mundo são organizados de modo que possuem “peças” que funcionam de maneira específica em meio a uma complexidade para atingir certo objetivo restrito que, por sua vez, contribui para atingir o objetivo do todo do qual são partes. Assim, Paley não parte de uma observação de que os entes naturais são direcionados a um fim à parte de uma mente inteligente, mas de uma observação de complexidade específica na natureza. Gage diz: “Paley argumentou que, como o próprio mundo natural contém arranjos de partes ainda mais complexos com propósitos — um fato que ele detalha com exemplos copiosos —, deveríamos igualmente atribuir essas características do mundo natural a um *designer*”⁴².

Paley diz: “toda indicação de artifício e toda manifestação de *design* que existia no relógio existe nas obras da natureza; com a diferença de que, do lado da natureza, as indicações são maiores e melhores, e em um grau que excede toda a computação”⁴³. Elliott Sober explica:

[o]s organismos são complexos e bem adaptados. Sua complexidade não é uma confusão de partes descoordenadas; em vez disso, quando examinamos as partes com o máximo cuidado, discernimos como as diferentes partes contribuem para o bom funcionamento do organismo como um todo⁴⁴.

Embora muitos pensem que o argumento de Paley já havia sido refutado por David Hume, não parece que o argumento construído na *Teologia Natural* deva ser desconsiderado por tais objeções. Para entender melhor, é importante considerar os contra-argumentos de Hume, que darão uma compreensão mais ampla da discussão de Paley.

Hume propõe que o raciocínio por analogia pode levar a conclusões apressadas (por exemplo, inferir que, como a circulação de sangue em humanos

⁴¹ Logan Paul Gage, *Op. Cit.*, 2018, p. 1453.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ “for every indication of contrivance, every manifestation of design, which existed in the watch, exists in the works of nature; with the difference, on the side of nature, of being greater and more, and that in a degree which exceeds all computation”. William Paley, *Op. Cit.*, 2006, p. 16. Tradução nossa.

⁴⁴ “Organisms are intricate and well adapted. Their complexity is not a jumble of uncoordinated parts; rather, when we examine the parts with the utmost care, we discern how the different parts contribute to the well-functioning of the organism as a whole”. Elliott Sober, *Philosophy of Biology*, 2000, p. 31. Tradução nossa.

é igual, portanto, a de outros animais também é, ou que a circulação de sangue demonstra analogicamente a circulação de seiva em vegetais)⁴⁵. Hume também diz que é possível inferir um arquiteto como causa de uma casa, pois o ser humano tem conhecimento desse tipo de causa, mas não ocorre o mesmo com o universo⁴⁶. Hume também acusa os argumentos do *design* de inferirem a causa do universo com base apenas em uma pequena parte dele (como o olho e os animais, enquanto ignoram pedras e madeira).⁴⁷

Ao analisar o argumento de Paley, parece que ele o moldou justamente para escapar às objeções de Hume. Começando pela última, Paley não pressupõe aqui uma ideia que se baseia na observação ou conhecimento de como é feito um relógio. Ele também não está propondo que a partir de uma parte para inferir a causa do todo. Antes, o próprio Paley diz que ainda seria possível concluir que o relógio possui uma causa inteligente mesmo sem conhecimento prévio, pois também é possível fazê-lo quando se encontra alguma arte antiga, mesmo sem ter conhecimento do processo de criação/produção.⁴⁸ Sua inferência de que há um *designer* está baseada na observação do conjunto de complexidade que parece ter um propósito no mundo:

[s]e houvesse apenas um relógio no mundo, não seria menos certo que ele tivesse um fabricante. Se nunca tivéssemos visto em nossas vidas senão um único tipo de máquina hidráulica; ainda assim, se entendêssemos o mecanismo e a utilidade desse tipo, estaríamos tão seguros de que ele provinha da mão, do pensamento e da habilidade de um artesão, como se visitássemos um museu de artes e víssemos ali reunidos vinte tipos diferentes de máquinas para extrair água, ou mil tipos diferentes para outros fins. Deste ponto, cada máquina é uma prova, independentemente de todas as demais. O mesmo ocorre com as evidências de uma agência divina. A prova não é uma conclusão, que se encontra no final de uma cadeia de raciocínio, da qual cada instância de engenho é apenas um elo, e da qual, se um elo falha, o todo cai; mas é um argumento fornecido separadamente por cada exemplo separado. Um erro na apresentação de um exemplo afeta apenas esse exemplo. O argumento é cumulativo no sentido mais amplo do termo. O olho o prova sem o ouvido; o ouvido sem o olho. A prova em cada exemplo é completa; pois quando o projeto da parte e a condutividade de sua estrutura a esse projeto são demonstrados, a mente pode se acalmar: nenhuma consideração futura pode diminuir a força do exemplo.⁴⁹

⁴⁵ Cf. David Hume, *Diálogos sobre a religião natural*, 2016. *Diálogos* II.7.

⁴⁶ *Ibidem*. *Diálogos* II.8-17.

⁴⁷ David Hume, *Op. Cit.*, 2016. *Diálogos* II.18-23.

⁴⁸ William Paley, *Op. Cit.*, 2006, p. 8.

⁴⁹ “if there were but one watch in the world, it would not be less certain that it had a maker. If we had never in our lives seen any but one single kind of hydraulic machine;* yet, if of that one kind we understood the mechanism and use, we should be as perfectly assured that it proceeded from the hand, and thought, and skill of a workman, as if we visited a museum of the arts, and saw collected there twenty different kinds of machines for drawing water, or a thousand different kinds for other purposes. Of this point each machine is a proof, independently of all the rest. So it is with the evidences of a divine agency. The proof is not a conclusion, which lies at the end of a chain of reasoning, of which chain each instance of contrivance is only a link, and of which, if

Já a primeira objeção cai no problema interpretativo de Paley. Apesar de ser normalmente visto como um argumento que parte de uma analogia, Sober apresenta a possibilidade de a discussão proposta por Paley ser uma inferência à melhor explicação, isso é, um argumento abdutivo. Segundo Sober, Paley considera duas possíveis explicações: *design* ou acaso.

A primeira é que os organismos foram criados por um *designer* inteligente. Deus é um engenheiro que construiu os organismos para que eles fossem bem adequados às tarefas da vida que enfrentam. A segunda explicação possível é que forças físicas aleatórias agiram em pedaços de matéria e os transformaram em seres vivos. O objetivo de Paley é mostrar que a primeira explicação é muito mais plausível do que a segunda⁵⁰.

Não é de se surpreender que o argumento de Paley busque responder aos problemas apontados por Hume para evitá-los, visto que Paley menciona os diálogos de Hume diretamente na *Teologia Natural*.⁵¹ Mark Nelson conclui: “Paley adapta seu argumento diretamente para responder aos problemas levantados por Hume”⁵².

Paley também não parece estar preocupado com falhas de *design* ou com partes inúteis, pois, assim como não se invalida a existência de um artista por erros em suas obras, também não se pode invalidar a existência de um Criador por conta de falhas de *design*: “[i]rregularidades e imperfeições têm pouco ou nenhum peso na consideração, quando essa consideração se relaciona simplesmente à existência de um Criador”⁵³. Paley lista uma série de coisas do mundo natural – desde o olho até as plantas e animais – que apresentam uma complexidade que, segundo ele, fundamenta e requer a inferência a um *Designer*.⁵⁴ Ele se baseia em um princípio para fundamentar a inferência à existência de um *Designer* da seguinte forma:

[n]ão pode haver *design* sem um *designer*; invenção sem um inventor; ordem sem escolha; arranjo sem qualquer coisa capaz de arranjar;

one link fail, the whole falls; but it is an argument separately supplied by every separate example. An error in stating an example affects only that example. The argument is cumulative in the fullest sense of that term. The eye proves it without the ear; the ear without the eye. The proof in each example is complete; for when the design of the part, and the conduciveness of its structure to that design, is shewn, the mind may set itself at rest: no future consideration can detract any thing from the force of the example”. *Ibidem*, p. 45. Tradução nossa.

⁵⁰ “The first is that organisms were created by an intelligent designer. God is an engineer who built organisms so that they would be well suited to the life tasks they face. The second possible explanation is that random physical forces acted on lumps of matter and turned them into living things. Paley’s goal is to show that the first explanation is far more plausible than the second”. Elliott Sober, *Op. Cit.*, 2000, p. 31. Tradução nossa.

⁵¹ Cf. William Paley, *Op. Cit.*, 2006, p. 265.

⁵² “Paley adapts his argument directly to answer problems raised by Hume”. Mark Nelson, “Paley before Hume: How Not to Teach the Design Argument”, 2024, p. 6. Tradução nossa.

⁵³ “Irregularities and imperfections are of little or no weight in the consideration, when that consideration relates simply to the existence of a Creator”. William Paley, *Op. Cit.*, 2006, p. 35. Tradução nossa.

⁵⁴ Cf. Paley, *Op. Cit.*, 2006.

subserviência e relação a um propósito sem aquilo que poderia intencionar um propósito; meios adequados a um fim, e executando sua função na realização desse fim, sem que o fim tenha sido contemplado ou os meios acomodados a ele⁵⁵.

Em suma, ele diz: “[a]rranjo, disposição das partes, subserviência dos meios a um fim, relação dos instrumentos com um fim implicam a presença de inteligência e mente”⁵⁶. O argumento de Paley pode, portanto, ser resumido da seguinte forma:

1. Tudo o que possui um grau elevado de complexidade e ordem não pode ser explicado pelo acaso, mas por *design*;
2. Há entes no mundo natural que apresentam um grau elevado de complexidade e ordem;
3. Portanto, os entes no mundo natural que apresentam um grau elevado de complexidade e ordem não podem ser explicados por acaso, mas por *design*.

Paley baseia-se em múltiplos fatores da natureza para inferir um *design* do mundo natural: o arranjo, a disposição de partes, o propósito etc. Tudo isso, segundo Paley, exige uma mente por trás. Fica claro que a lógica de Paley em sua *Teologia Natural* visa a levar à conclusão de que o artífice de toda natureza é aquilo que todos chamam de Deus. Apesar de, como diz Immanuel Kant, haver um limite na conclusão do argumento⁵⁷, para o artigo aqui apresentado o propósito se limita em diferenciá-lo da Quinta Via de Tomás.

Ora, essa complexidade organizacional na relação de múltiplas partes é a chave do argumento de Paley. A ideia é que, como as partes de um relógio são organizadas de tal modo que cada parte desempenha uma função que evidencia e se orienta pela vista da função do todo (a função do relógio como tal), assim também há entes naturais que possuem partes que se interrelacionam e se relacionam com o todo do qual são partes do mesmo modo. Ora, se seria absurdo inferir que um relógio é fruto do acaso devido ao tipo de complexidade exposta, também seria absurdo inferir que certos entes naturais são frutos do acaso.

⁵⁵ “There cannot be design without a designer; contrivance without a contriver; order without choice; arrangement, without any thing capable of arranging; subserviency and relation to a purpose, without that which could intend a purpose; means suitable to an end, and executing their office in accomplishing that end, without the end ever having been contemplated, or the means accommodated to it”. *Ibidem*, p. 12.

⁵⁶ “Arrangement, disposition of parts, subserviency of means to an end, relation of instruments to an use, imply the presence of intelligence and mind”. *Ibidem*.

⁵⁷ Cf. Immanuel Kant, *Crítica da razão pura*, 2001. KrV A 627 B 655.

2.3 O argumento teleológico hoje em dia

Dois fatores principais trouxeram discussões relacionadas ao argumento teleológico de volta ao meio acadêmico. Primeiramente, o ressurgimento do teísmo na filosofia analítica da religião fez com que os argumentos a favor da existência de Deus retornassem aos debates acadêmicos, instigando novamente questões relacionadas à metafísica e à teologia natural. Como colocou Quentin Smith: “Deus não está ‘morto’ no meio acadêmico; ele voltou à vida no final da década de 1960 e agora está vivo e bem em seu último reduto acadêmico, os departamentos de filosofia”⁵⁸. Em segundo lugar, descobertas científicas fizeram com que surgissem duas vertentes: uma filosófica e outra que pretende reivindicar o estatuto de teoria científica. A primeira é uma defesa contemporânea do argumento teleológico baseada no ajuste fino do universo. Essa vertente vê o *design* como uma conclusão filosófica, não científica⁵⁹. A outra vertente é a do *design* inteligente, que busca avaliar cientificamente o criacionismo com uma tentativa de adquirir o posto de teoria rival ao darwinismo, baseando-se em informações adquiridas a partir da biologia celular⁶⁰.

No discurso contemporâneo, há quem tente reformular o argumento de Paley com base em conhecimentos mais atuais da biologia e da química. Por exemplo, o bioquímico Fazale Rana explicitamente diz que é possível restaurar o “argumento do relojoeiro”⁶¹.

O argumento teleológico, portanto, não ficou no passado – no Medievo e na Modernidade. Antes, ele invade a filosofia contemporânea com discussões filosóficas importantes. Apesar disso, há quem tente torná-lo uma ciência da natureza, o que pode ser visto como uma nova pseudociência em certos contextos e sentidos.

3. Considerações finais

O propósito do texto acima foi apresentar duas versões diferentes de argumento teleológico e expor suas diferenças: por um lado, o argumento de Tomás de Aquino, apresentado em sua Quinta Via para a demonstração da

⁵⁸ Cf. Quentin Smith, “The metaphilosophy of naturalism”, 2001.

⁵⁹ Cf. William Lane Craig, *Apologética contemporânea*, 2012.

⁶⁰ Cf. Michael Behe, *A caixa preta de Darwin*, 2019.

⁶¹ “The Watchmaker argument”. Fazale Rana, *The Cell’s Design*, 2006. Tradução nossa.

existência de Deus, baseando-se no conceito de causa final e na finalidade das coisas, ou seja, na ideia de que os objetos inanimados apresentam uma meta que deve ser direcionada por uma Mente Inteligente; por outro lado, o argumento do *design* de William Paley, que se baseia na observação de que o mundo natural apresenta um arranjo complexo de suas partes com propósitos específicos em suas interações e, por isso, levam à conclusão da existência de um *Designer* ao invés de atribuir esses fenômenos ao acaso. Portanto, é possível distinguir os dois descrevendo o primeiro como um argumento de *finalidade* e o segundo como um argumento de *complexidade*; o primeiro como um argumento *metafísico*, o segundo como um argumento *físico-teológico* (para usar a expressão de Kant).

A importância dessa distinção é que, à parte de discussões acerca da validade da física e da metafísica aristotélicas, a Quinta Via não pode ser dita como refutada pela teoria darwiniana do desenvolvimento das espécies *pelos mesmos motivos* que se alega terem refutado o argumento de Paley. Visto que o acaso é uma possível explicação considerada por Paley, a evolução darwiniana pode ser uma refutação razoável de seu argumento do *design*, se é que o acaso se torna uma explicação possível e plausível para a complexidade do mundo natural, como alega o darwinismo com seu mecanismo explanatório da seleção natural. Se esse tipo de consideração é eficaz contra a consideração da complexidade de Paley, Tomás de Aquino não apela para a ideia de complexidade. Então, se a teoria darwiniana também é eficaz contra o argumento de Tomás, o é por outro motivo. Seria necessário demonstrar que a teoria de Darwin invalida o conceito de causa final e outros aspectos específicos da metafísica tomista. Contudo, como já dito, nosso objetivo é apenas mostrar que os argumentos partem de princípios distintos e, portanto, devem ser atacados sob aspectos distintos.

Ainda falta responder uma pergunta: dado que os argumentos são baseados em princípios distintos, por que os dois podem ser considerados tipos do argumento teleológico? O que há de comum entre eles que os faz serem categorizados assim? A resposta é que ambos os argumentos apelam para a ideia de que há um fim, um objetivo presente nos entes naturais. Apesar de abordarem esse conceito comum de modo distinto, ambos recorrem à noção de uma finalidade presente nas coisas. O argumento do Aquinate usa a ideia de que as coisas naturais se comportam em vista de metas e objetivos, e o argumento de Paley apela para a ideia de que as coisas naturais possuem uma organização intrínseca em vista de algum propósito. Portanto, apesar das diferenças, ambos

os argumentos são corretamente caracterizados como tipos da categoria mais ampla de “Argumentos Teleológicos”.

Referências

- BATTEN, Alan H. On the history of the argument from design in astronomy. *Journal of Astronomical History and Heritage*, Vitória, CB, v. 20, n. 1, pp. 119-125, 2017.
- BEHE, Michael. *A caixa preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução*, São Paulo: Editora Mackenzie, 2019.
- CRAIG, William Lane. *Apologética contemporânea: a veracidade da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- DARWIN, Charles. The autobiography of Charles Darwin. *Darwin Online*, 2005. Disponível em: <http://darwin-online.org.uk/content/frameset?pageseq=1&itemID=F1497&viewtype=side> - Acesso em: 17 jun. 2019.
- DAVIES, Brian. *The Thought of Thomas Aquinas*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1993.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FESER, Edward. *Aquinas: a beginner's guide*. Oxford: Oneworld Publications, 2011. Edição Kindle.
- FESER, Edward. *A Última Superstição: uma refutação do neoateísmo*. Belo Horizonte, MG: Edições Cristo Rei, 2017.
- GAGE, Logan Paul. Paley, William. In: *Dicionário de Cristianismo e Ciência*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2018. Edição Kindle.
- GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GILSON, Etienne. *The christian philosophy of St. Thomas Aquinas*, Londres: Random House, 1957.
- HUME, David. *Diálogos sobre a religião natural*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 5ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KENNY, Anthony. *Uma nova história da filosofia: filosofia medieval*. vol. 2. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MCGRATH, Alister. *Darwin e Deus: teologia natural e pensamento evolutivo*. Viçosa, MG: Ultimato, 2016.

MCGRATH, Alister. *Emil Brunner: a reappraisal*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014.

NELSON, Mark T. Paley before Hume: How Not to Teach the Design Argument. *APA Studies*, Newark, DE, v. 24. n. 1, pp. 2-10, 2024.

OWENS, John. Aquinas' Fifth Way. *New Blackfriars*, Cambridge, v. 101, n. 1096, pp. 726-739, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/nbfr.12550>. Acesso em: 26 mar. 2025.

PALEY, William. *Natural Theology: or, evidences of the existence and attributes of the Deity, collected from the appearances of nature*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.

PLATO. *Laws – Books 7-12*, vol. II. New York: G. P. Putnam's sons, 1926.

PLATO. *Timeu-Crítias*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

RANA, Fazale. *The Cell's Design: how chemistry reveals the Creator's artistry*, Grand Rapids, MI: Baker Books, 2006. *E-Book*.

TOSHIO, Edson. Destruí as 5 Vias de Tomás de Aquino Com Pura Lógica | Irrefutável!!!, vídeo *online*, 29 mar. 2025 [34:10]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lb8xHuq7v-o>. Acesso em: 24 set. 2025.

SMITH, Quentin. The Metaphilosophy of Naturalism. *Philo: A Journal of Philosophy*, pp. 195-215, v. 4, n. 2, 2001.

SOBER, Elliott. *Philosophy of Biology*. 2. ed. Boulder, CO: Westview Press, 2000.

SIQUEIRA, Paulo Vitor Pinho de. Noção de Causalidade no Pensamento de Aristóteles. *Primordium*, Uberlândia, v. 7, n. 13, p. 17-37, jan./jun. 2022.

TOMÁS DE AQUINO. *Comentário à metafísica de Aristóteles V-VIII*, Vol. 2. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*, Vol. I. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.